

## **Entrevista com o professor Horacio Capel Sáez\***

**Geosul-** Gostaríamos de começar a entrevista perguntando onde o senhor nasceu, os lugares na Espanha onde viveu, como ocorreu sua formação até chegar na geografia.

**Prof. Capel-** Bom é um pouco por casualidade como boa parte dos geógrafos. Quando eu cheguei à universidade eu queria fazer história ou talvez filosofia, porque não tinha uma idéia muito clara ao que ia me dedicar dentro do campo das humanidades. Estudei na Universidade de Murcia onde não havia faculdade de ciências econômicas, nem de sociologia; havia uma faculdade de filosofia e letras onde eu estudava, e aí foi que descobri a geografia através do professor Juan Vilá Valenti, que foi meu professor de geografia em Murcia desde o primeiro ano que comecei a estudar nesta universidade. E, ao longo dos meus estudos na licenciatura de Filosofia e Letras, que era o nome da faculdade naquele momento, depois dos dois primeiros anos que eram comuns, tinha que escolher uma especialização. E eu escolhi a especialização em história, onde também havia uma disciplina de geografia. E aí que eu fui me encantando com a geografia. Talvez se tivesse uma faculdade de ciências econômicas teria feito, ou outra especialidade qualquer, como medicina, se tivesse uma tradição familiar. Mas escolhi as humanidades pela influência de um excelente professor de filosofia que tive no instituto de ensino secundário, que foi o professor Juan Carlos García-Borrón, um grande historiador da filosofia espanhola. Então isto foi o que me

---

\* Entrevista realizada em João Pessoa, PB, em julho de 2002, durante o XIII Encontro Nacional de Geógrafos. Participaram da entrevista os professores Maria Dolores Buss, Luís Fernando Scheibe, Sandra M. Furtado e Raquel F.A. Pereira. Transcrição e tradução por Sandra M. Furtado. Texto revisado e autorizado pelo entrevistado (hcapel@trivium.gh.ub.es)

decidiu fazer a faculdade de Filosofia e Letras, e o que me fez imaginar que podia estudar filosofia ou história, que também gostava muito. Por influência do professor Vilá Valenti fui fazer geografia nas condições que existiam.

Eram condições bastante difíceis, porque na realidade se chamava especialização de geografia e história e havia só uma disciplina de geografia em cada ano: um ano de Geografia da Espanha, outro de Geografia Universal, e outro de Geografia Geral, a ordem não me recordo muito bem. E, ao longo da especialização de geografia eu estava interessado sobretudo em temas como o subdesenvolvimento. Tive um curso com temas de subdesenvolvimento e de desenvolvimento do sul da Espanha, uma região muito árida, semelhante ao nordeste brasileiro. E os problemas de desenvolvimento do sudeste da Espanha, as questões de emigração, pois havia uma forte emigração naquele momento, tudo isto me foi interessando e acabei me dedicando à geografia. Decidi fazer a tese de licenciatura sobre a população e os movimentos migratórios do município de Lorca, a cidade onde eu morava e onde havia feito o colégio. Este estudo foi me orientando para esta dimensão social da geografia humana: a população, os problemas de desenvolvimento econômico.

**Geosul-** E foi o professor Vilá Valenti que orientou sua monografia?

**Prof. Capel** - Em 1958, ano em que comecei a estudar o professor Vilá Valenti era o único professor catedrático de geografia que tinha. E como professor de geografia tinha que ministrar todas as disciplinas de geografia; assim, ele ministrava a Geografia Humana, Geografia Regional da Espanha, Geografia Universal e orientava todas as teses de licenciatura e de doutorado.

**Geosul-** Era uma época em que a discussão sobre as questões sociais era bastante intensa na Espanha...

**Prof. Capel-** Sim, era sob o regime político de Franco. Mas naqueles anos começava uma certa abertura, particularmente

econômica. E foi um dos anos-chave na história recente da Espanha depois da Guerra Civil. Um foi o de 1953, quando se firmaram os acordos com os Estados Unidos para a cessão de bases militares na Espanha e os acordos em concordância com a Santa Sé, que havia apoiado muito o regime de Franco, mesmo sem haver firmado um acordo explícito. Então no ano de 1953 ocorreu uma certa incorporação da Espanha ao que era o mundo ocidental, em um momento ápice da Guerra Fria. Outro ano importante foi 1959, ano em que se aprovou o Plano de Estabilização Econômica, que era um plano que permitiu, dentro da estrutura política do franquismo, um desenvolvimento econômico do tipo capitalista. Os anos sessenta foram importantes sob o ponto de vista econômico para o país que vivia uma ditadura submetida à pressões de grupos econômicos emergentes e já distante da Guerra Civil Espanhola. Já nos anos 60 haviam surgido gerações que não conheceram a guerra e a situação social e econômica se modificava profundamente.

Em todo caso, a Universidade de Murcia no campo da filosofia e das letras não era uma grande universidade, mas a cidade de Murcia vivia um interessante momento cultural: com conferências, debates, uma cultura universitária desenvolvida. Por outro lado, com graves problemas sociais como a emigração, que repercutiu na estrutura social. Outro problema estava relacionado com as questões ambientais, pois como disse anteriormente, é uma região muito árida onde chove de 200 a 300mm por ano, onde a agricultura de sequeiro, aquela que só conta com a água da chuva, está sempre ameaçada. Cultivar em regime de sequeiro é como jogar na loteria, porque se chove a colheita se salva, mas se não chove se perde. Isto leva a desenvolver estratégias adequadas por parte dos agricultores frente a estas situações. Mas havia também os campos regados com as águas do rio Segura e seus afluentes, e a irrigação poderia trazer problemas graves sociais como separar a propriedade da terra e a propriedade da água. Havia proprietários de terra que tinham o direito à regar, porém tinham que adquirir água e a água era tão escassa que os proprietários da água, os "aguatenentes" - semelhantes aos proprietários de terra, os

terratenedentes - tinham chegado a estabelecer um sistema de subasta pública, de tal maneira que nos momentos que se necessitava imprescindivelmente de água para a colheita, a água era posta a leilão para os proprietários ou arrendatários de terra e alcançava preços muito elevados. Este é um tema muito interessante que foi estudado por Jean Brunhes, em sua tese sobre áreas irrigadas no sul da Espanha e norte da África. Tudo isto dava lugar a situações sociais muito difíceis e conflituosas com diferenças sociais importantes e uma forte emigração.

Então estas questões eram muito candentes e naquele momento se discutia um ambicioso plano de transposição das águas do rio Tejo ao rio Segura para aumentar a dotação de água para irrigação. Se discutiam políticas de desenvolvimento para a região, algo que me levou a conhecer políticas similares, como aquelas que se faziam no Brasil pela SUDENE, uma vez que eu estava interessado em saber o que se fazia em outros países que também tinham regiões áridas. Então me recorro que estas situações nos levavam a ler sobre as políticas do desenvolvimento da Mezzagionno italiana, e as políticas da SUDENE para o nordeste do Brasil. Isto me levou a conhecer a obra do professor Milton Santos, no início dos anos sessenta, mas especificamente entre os anos 1960 e 1963.

**Geosul-** Algum outro brasileiro?

**Prof. Capel-** Evidentemente Josué de Castro com a *Geografia da Fome*, e *O Livro Negro da Fome*.

**Geosul-** Celso Furtado também?

**Prof. Capel-** Também, mas não me recorro bem se foi naquele momento ou mais tarde. Penso que Celso Furtado conheci pessoalmente um pouco mais tarde.

**Geosul-** No ambiente universitário da época, com toda a questão do franquismo, a literatura mais crítica e de cunho marxista era uma literatura disponível?

**Prof. Capel-** Em absoluto. O acesso à literatura e à informação naquele momento era especialmente difícil; estava tudo muito submetido à censura prévia, mas que foi se suavizando ao longo dos anos sessenta. Creio que depois da Guerra Civil Espanhola foi só no ano de 62 que se editou a primeira obra de Marx na Espanha que foi *Os Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, e logo ou ao mesmo tempo se publicou o *18 Brumário de Luis Napoleão Bonaparte*. E ao longo dos anos sessenta foi aumentando a bibliografia de caráter marxista. Havia um forte controle. Nas livrarias ou não tinham ou tinham apenas uma seção com obras de intelectuais como Sartre e Camus. Tinha uma seção que era chamada popularmente “o inferno”, onde a pessoa entrava quando tinha confiança com o livreiro e que podia comprar algumas obras que não eram de circulação corrente. Neste momento, os livros de publicação argentina, ou os publicados no México pelo Fundo de Cultura Econômica, que foi fundado pelos exilados espanhóis no México, tiveram importância muito grande, assim como os livros de bolso da Editora Gallimard. Nos anos 60 isto foi mudando gradativamente e surgiu uma coleção de bolso muito importante da Aliança Editorial em que se publicaram os livros de Marx, bem como outras iniciativas; e assim foi melhorando a informação bibliográfica. Porém, tanto durante o bacharelado (equivalente ao segundo grau no Brasil) em Lorca, que por sinal era muito bom e onde tínhamos bons professores, assim como os primeiros anos do curso universitário, as dificuldades para obtermos esses livros eram muito grandes; nos anos 60 isto foi se modificando. Mas só mudou sensivelmente nos anos 70 com o fim da ditadura e o começo do regime democrático.

**Geosul-** No Brasil vivemos situação semelhante nos anos 70. O senhor antes se referiu a Editora Espasa Calpe, ela era originalmente argentina, não?

**Prof. Capel-** Não era espanhola. Eram duas editoras, Espasa e Calpe que se fundiram e que publicaram nos anos vinte uma obra magna que é uma enciclopédia ilustrada, o *Diccionario Espasa*

*Calpe*, muito importante. Depois da Guerra Civil foi desenvolver suas atividades na Argentina, e foi editora também de uma coleção de bolso, a coleção Austral, com obras de caráter cultural-literário: muitos dos clássicos da minha geração conhecemos através desta coleção, publicados na Argentina, mas alguns deles logo publicados na Espanha. Aqueles títulos mais conflituosos eram publicados na Argentina. Muitos dos intelectuais da Espanha foram para a Argentina e o México e outros países hispano-americanos. Por exemplo, em Buenos Aires estive o professor Claudio Sanchez Albornoz que chegou a ser o Presidente da República Espanhola no exílio e criou uma escola especializada em historiadores medievalistas da Espanha em Buenos Aires, publicando os *Cuadernos de História Medieval*. Há uma quantidade enorme de intelectuais, como professores, editores, líderes políticos que se exilaram e que tiveram um papel extraordinário nos países latino-americanos, tanto na alta cultura como nos centros de ensino secundário, como ocorreu na Venezuela, Colômbia, Nicarágua, México e outros países.

**Geosul-** A gente tem uma experiência também correlata com portugueses, como o professor Agostinho, professor Eudoro, perseguidos pela ditadura de Salazar e que foram os fundadores do curso de Letras na recém criada Faculdade de Filosofia, que hoje pertencem à Universidade Federal de Santa Catarina.

**Prof. Capel-** No caso espanhol o exílio foi uma grande tragédia. A universidade espanhola ficou praticamente desmantelada. Portanto os anos 40 foram muito duros, os 50 também, mas nos 60 começou a ter alguma abertura. O governo espanhol pediu naqueles anos o ingresso no Mercado Comum Europeu, mas não tinha as condições democráticas. O objetivo era integrar-se na Europa e nesta direção havia o Plano de Estabilização. Aliado com outros dois fatores importantes: o turismo que levava muita gente para Espanha e a emigração espanhola para a Europa que nos anos 50 e 60 foi bastante forte. Neste momento começava a ocorrer a emigração espanhola, a portuguesa e a do sul da Itália que foram para a

Alemanha e também para França, Bélgica, Holanda e Suíça, que foi importante para pôr em contato as classes populares espanholas com outras formas de vida, o que representou um fator importante para a mudança política do país.

**Geosul-** E depois de sua obra sobre a emigração que foi gestada nesta situação, se seguiram que tipos de estudos e como sua obra tomou a direção de um estudo mais crítico?

**Prof. Capel-** A gravidade da situação social de Lorca e a emigração é um tema que foi me interessando em várias situações. Logo me dediquei a outro tema que depois falaremos; recentemente, devido a situação radicalmente nova que ocorre na Espanha, que de um país de emigração se transforma em um de imigração, e dos problemas daí decorrentes como o de identidade, as questões relativas à integração social e política dos estrangeiros tenho me interessado por estas questões. Para que vocês se dêem conta da mudança, esta região de Murcia que havia sido de emigração, pois dezenas e dezenas de milhares de pessoas se foram durante o século XX para Barcelona, Catalunha, Madri e ao estrangeiro, agora neste momento é uma região de imigração. Há aí cerca de 15.000 equatorianos e um número também elevado de norte-africanos.

**Geosul-** A assimilação destes imigrantes se dá na agricultura?

**Prof. Capel-** Sim, a agricultura é muito produtiva e intensiva - alcachofra, brócolis, flores, tomate -, o que se vê que a mudança foi espetacular também do ponto de vista da agricultura. A água continua sendo escassa, mas melhorou um pouco: mesmo sem as dotações de água previstas inicialmente, chega água do rio Tejo e houve sobretudo uma racionalização nos produtos que cultivam, com sistema de irrigação por gotejamento. Mas com relação à pergunta anterior, a minha preocupação no ano de 1963 era com a temática da Rede Urbana. Eu li a obra *Cidade, Região e Regionalismo* de R. Dickinson que foi publicada na Espanha, pela Editora Ômega, e isto levou a me interessar pelos estudos das redes

urbanas. Li também algumas teses que estavam se fazendo na França orientadas por Pierre George e em particular duas muito importantes: uma de Michel Rochefort sobre a rede urbana da Alsácia e a de Raymond Dugrand sobre a rede urbana do Baixo Languedoc e alguns trabalhos alemães e ingleses. E esta linha me levou a conhecer Milton Santos que também publicou sobre este tema naqueles anos, pois estive na França, em Estrasburgo; também o excelente trabalho de Juillard sobre "A região: ensaio de definição" publicado na revista *Annales de Géographie*, que conheci naqueles anos e que também me impressionou muito.

**Geosul-** E nesta época havia outros centros de estudos geográficos na Espanha?

**Prof. Capel-** Sim. Porém não havia nenhuma especialização universitária em geografia na Espanha. A geografia se estudava essencialmente nas escolas normais de magistério, com pedagogos especializados em geografia. Por outro lado no ensino universitário havia uma cadeira de geografia para os que cursavam licenciatura em Letras, na especialidade de História e Geografia. Por outro lado, quanto à pesquisa havia se criado depois da Guerra Civil, com o regime de Franco, o Conselho Superior de Investigação Científica e dentro deste o Instituto de Geografia Juan Sebastian Elcano.

**Geosul-** Este Conselho corresponderia ao nosso CNPq?

**Prof. Capel-** Sim, tinha a mesma estrutura, como o CNRS francês. Foi criado em 1940, imediatamente depois da Guerra Civil, e teve desde o primeiro momento um instituto de estudos geográficos e criou a primeira revista de geografia, que continua sendo a revista mais importante de geografia espanhola que é *Estudios Geográficos*. Este centro foi o lugar onde nos anos 40 se fez um pouco de geografia, tanto em Madri como em Zaragoza, que era outro centro independente do Conselho Superior de Investigação Científica.

**Geosul-** E quais eram os professores coordenadores?

**Prof. Capel-** Em Madri foram os professores Amando Melón e Manoel de Terán, em torno dos quais foram se formando as figuras mais importantes da geografia espanhola atual como Antonio Lopez Gómez, Jesus García Ferandez, Francisco Queirós e outros. Em Zaragoza, o grupo era liderado por José Manoel Casas Torres em torno do qual também foi se constituindo um grupo e que criaram uma revista em 1952 ou 53, que se chamava *Geographica*; e neste centro, que do ponto de vista econômico estava muito bem dotado, foram se formando outros geógrafos.

**Geosul-** E quanto à sua carreira, depois de formado: o senhor permaneceu em Murcia e iniciou a sua carreira como professor?

**Prof. Capel-** Sim, durante meus estudos universitários, quando fazia o quarto ou quinto curso assisti, convidado pelo professor Villa Valenti, a um Congresso de Geografia realizado em Madri. Quando me formei fui nomeado professor ajudante e em seguida também professor encarregado de um curso, por dois ou três anos, de 1964 até 67. Depois fui fazer a Tese de doutorado sobre o tema de rede urbana na região de Murcia e logo depois o professor Villa Valenti foi para Barcelona e começou a organizar os estudos de geografia, na Licenciatura de História da Universidade de Barcelona. Foi quando ele me convidou para ir a Barcelona. Creio que foi no ano de 67. O número de estudantes aumentou neste ano de maneira espetacular e por isso precisava muito de professores, devido aos anos de desenvolvimento econômico. E logo depois, em 69 ou 70, houve uma oportunidade decisiva para a consolidação dos estudos geográficos: é que se começou a pensar na realização de especialização em geografia, com duração de três anos. Algum tempo já existia a luta dos geógrafos para consolidar na carreira universitária os estudos de geografia, sobretudo se pensando que o fato de ministrar geografia e história no ensino médio fazia necessária a ampliação do conhecimento da geografia. Creio que foi nos anos 50 que começou a ocorrer que os professores para o ensino médio tivessem em um ano o perfil para o ensino de

geografia e no outro o perfil para a história. O que neste momento ampliava o número de pessoas interessadas na especialização em geografia. Isto se manteve sem mudanças até o anos 60, ao mesmo tempo que os professores universitários de geografia, que também estavam vinculados ao Conselho de Investigações Científicas, e pressionavam para melhorar os estudos de geografia; na realidade em Barcelona isto só foi possível com o chamado Plano Maluquer, que era um grande arqueólogo e historiador e que foi decano da Faculdade de História e Geografia da Universidade de Barcelona, nos anos 69-70, pouco depois de eu ter chegado a Barcelona. Então ele começou uma reforma muito importante da especialização de história e geografia que consistia em distinguir entre matéria fundamentais e matérias optativas, o que permitia aos estudantes nestes três anos de especialização, que não fossem só licenciados em geografia e história, mas que poderiam optar entre história, arqueologia ou geografia. Isto deu oportunidade para organizar estudos mais especializados em geografia. Depois de mim chegou em Barcelona, um ano depois, Miguel Albentosa que estava se especializando em climatologia e eu especializando-me nas questões urbanas já que estava trabalhando na Tese de doutorado com as redes urbanas. Neste período, era também profesora María de Bolós e se vinculou a esta especialização de geografia o professor Salvador Llobet, que era um professor catalã, vinculado ao Conselho de Investigação Científica, além de vários estudantes que haviam terminado a graduação em Barcelona, como Tomás Vidal e outros, que também foram convidados a ministrar aulas. E isto permitiu uma especialização já em Geografia.

**Geosul-** E havia também um Departamento de Geografia?

**Prof. Capel-** Creio que foi Barcelona a primeira universidade espanhola a ter especialização em Geografia, através do Plano do professor Maluquer e a dispor de um Departamento de Geografia universitário.

**Geosul-** Este é um processo que ocorreu só em Barcelona? Porque é bem parecido com o que ocorreu aqui, como por exemplo, a USP.

**Prof. Capel-** Sim, isto ocorreu em outras universidades também. Primeiro em Barcelona e depois em outras. E foi em decorrência de dois fatos: primeiro o aumento de estudantes universitários, que inclusive obrigava a desdobrar os cursos universitários; por exemplo, se em um ano se dava dois cursos de Geografia da Espanha, no outro teria que dar três, e no seguinte quatro ou cinco, o que aumentava a demanda de professores de geografia, que por vezes eram chamados a lecionar somente um mês antes das aulas começarem. Por outro lado houve a especialização permitida pelo Plano Maluquer o que possibilitava a estes professores que entravam poderem se especializar e realizar uma Tese de doutorado especializada em diferentes campos, como geografia agrária, geografia urbana, etc.

**Geosul-** E o senhor, já orientava estudantes?

**Prof. Capel-** Em Murcia nos três anos que estive lecionando lá ministrei Geografia Geral e Geografia da Espanha, e em Barcelona quando entrávamos, tínhamos que atender às necessidades que haviam: quando cheguei tive que ministrar Geografia Geral, e da Espanha, disciplinas que eram obrigatórias para todos os estudantes de geografia. Na especialização tinham que ser ministrados cursos que até então nunca haviam sido oferecidos no ensino espanhol, como Geografia Regional, Geografia Humana, Climatologia, Geografia Física, Geografia Agrária... Então os professores chegavam com pouca experiência e também formação e muitos estavam fazendo nossa Tese de doutorado o que permitia consolidar-se na carreira universitária. Tínhamos que ministrar as disciplinas que eram necessárias. Eu dei Geografia Humana, Geografia da Espanha também, como Geografia de países ibero-americanos. O mesmo ocorria com os outros professores que ministravam Geografia Geral e as matérias da Especialização.

Foram, na verdade, anos bastante duros, porque tínhamos uma formação escassa e sem dúvida os estudantes sofreram.

**Geosul-** E a sua formação mais especializada, inclusive com uma derivação para epistemologia, se faz sobre uma base bastante diversificada...

**Prof. Capel-** Sim, ao mesmo tempo tendo que dar cursos e trabalhar sobre a Tese de doutorado que era sobre rede urbana em Murcia. Acabei fazendo sobre a Estrutura Funcional das Cidades Espanholas, que defendi em Barcelona em 72 ou 73. Foram anos bastante duros, e alguns não resistiram. Aprendemos muito na pressão pois na frente de 150 estudantes precisávamos dizer alguma coisa e assim tínhamos que estudar em ritmo forçado e nas matérias que iam nos oferecendo. Então eu fui me especializando em Geografia Urbana, em especial com as redes urbanas o que passava pela questão da regionalização. O tema do subdesenvolvimento continuava me interessando. Estas questões me levavam a ir descobrindo aspectos que não tinham que ver com a geografia francesa, a qual ainda estávamos bastante vinculados, e pelo tema da geografia funcional que me levou a conhecer os trabalhos dos geógrafos norte-americanos, me abrindo para a geografia anglo-saxônica e a geografia quantitativa, assim como a geografia da percepção. O tema das questões epistemológicas foi na realidade uma decisão consciente de dedicar-me a elas por necessidades do ensino e da investigação.

Como professor de geografia me inquietava a pergunta: o que é exatamente geografia? Ministrava geografia mas não tinha tido tempo ainda para me tornar professor de geografia. Quando você começa a descobrir coisas novas e em um ambiente tão dinâmico como era o da Universidade de Barcelona, onde havia uma faculdade de economia muito dinâmica que trabalhava com economia regional, bem como uma escola de arquitetura dinâmica também no campo do urbanismo, com estudos sobre a cidade, a minha pergunta era inevitável. Frequentemente a bibliografia que recomendávamos aos estudantes eram trabalhos de economistas, de

sociólogos e também de arquitetos. Tudo isto agravava a questão sobre o que é mesmo geografia. Na pesquisa ocorria exatamente igual, porque se precisávamos trabalhar sobre geografia regional, tínhamos que ver geologia, economia, e assim por diante. Hoje isto está claro, mas naquele tempo não era assim tão claro e evidente. Quando se fazia um trabalho de geografia urbana, tínhamos que saber tudo o que os geógrafos diziam a respeito, mas também os sociólogos, os arquitetos- que em Barcelona eram excelentes -, em seguida os filósofos, como Lefèbvre, com o pensamento marxista na cidade e o direito à cidade. Assim me perguntava qual é a identidade da pesquisa geográfica que se faz utilizando bibliografias de procedência diversa? Tudo isso agravava os conflitos e as dúvidas e por esta razão pensei que era importante me dar um tempo para poder dar respostas coerentes aos estudantes. Era uma necessidade que havia e que me levou à história da geografia e à teoria da geografia para entender como a geografia foi se modificando.

A história da geografia é também bastante surpreendente, pois podia começar por Ptolomeu e Estrabón e ia até, nos anos 70 com Harvey e com as disciplinas de geografia quantitativa e com estudos de geografia regional e com temas de percepção que não tinham nada que ver com o que se havia feito tradicionalmente em geografia. Então é uma ciência que não só tinha muitas problemas de saber o que era, mas também como se relacionava com as outras disciplinas; e algo mais grave ainda que era saber se isto que fazemos como geografia era igual com o que se havia feito antes, ou o que tinha a ver isto que fazíamos com o que os outros geógrafos tinham feito antes. E isto foi o que me levou a pensar e esclarecer sobre a história ou o desenvolvimento da geografia. Assim pensei que no século XVIII havia existido uma mudança fundamental. A geografia havia sido por um lado, uma ciência histórica, da descrição e da narração, e, por outro, uma ciência matemática com a representação da Terra; isto chegou até o século XVIII. A partir daí começaram a aparecer disciplinas mais especializadas, como a geologia que começa a estudar aspectos que

até então cabiam ao geógrafo, a economia política e outras... Então a geografia parece que vai ficando sem ter sentido, e além disto passa a ser vista pelos meios científicos como algo que não tem caráter científico. Assim, pensando a importância do século XVIII para entender como este processo de especialização afetou a geografia, comecei a trabalhar em um projeto sobre o século XVIII e logo depois me dei conta que tinha que estudar a geografia como ciência matemática, a geografia como ciência natural, e a geografia como ciência política e as relações com as outras disciplinas; a divisão da geografia em astronômica, física, política e de países ou universal, era uma divisão que se fazia normalmente naquele momento.

**Geosul-** Houve uma época em que a própria ciência em geral também tinha suas revoluções científicas.

**Prof. Capel-** Eu então pensei que teria que entender como a geografia havia tido suas dimensões astronômicas e matemáticas e como foi se modificando a partir daí. Como a geografia física tinha estudado a Terra e como isto se relacionava com as outras disciplinas especializadas como a geologia e outras que se iam criando. E como a geografia abordava a dimensão política ou social e como se relacionava o estudo geográfico dos povos, os aspectos civis e morais, a organização da sociedade e como isto se vinculava com o que estava fazendo a economia política, que começa no século XVIII. E também entender como o estudo regional de países e regiões no século XVIII vai sendo feito por geógrafos e por outros, que vão ser muitos; como o estudo de Ignacio Asso, *A História Política de Aragón*, que é um trabalho que os geógrafos podem interpretar como de caráter regional, e que, como o seu título indica, é claramente um livro de economia política.

**Geosul-** A Raquel fez um estudo parecido em sua dissertação de mestrado que é "Da geografia que se ensina à gênese da geografia moderna".

**Prof. Capel-** Tínhamos todos problemas similares e fomos desenvolvendo com preocupações que eram muito parecidas e quando a informação circula não sabes se as idéias são tuas ou colhidas em outros lugares.

**Geosul-** Mas, seu livro *Filosofia e ciência na Geografia contemporânea*, é posterior?

**Prof. Capel-** Sim, tudo isto me foi levando a fazer filosofia da ciência e evolui até a história da geografia e à geografia contemporânea. E em tudo isto, me estranha, como a geografia pode continuar existindo. Pois na história da geografia que se conta parece que porque já existia continuou a existir. Mas temos exemplos de muitas ciências que existiam e que desapareceram. Creio eu, que a geografia não desapareceu devido a seu papel no ensino. Não porque servia para a guerra, como havia sido dito, mas sim porque servia para o ensino, porque tinha um caráter cultural, porque dava informação sobre os países do mundo, e porque servia para afirmar o sentimento de nacionalidade nos novos países com regimes liberais.

**Geosul-** Como que o senhor vê a questão ambiental e a geografia no momento atual e o papel dos geógrafos nos estudos ambientais?.

**Prof. Capel-** Uma coisa é a geografia, outra coisa são os geógrafos. Os problemas gerais da geografia são muitos e podemos discutir muita coisa sobre o que os geógrafos sabem, o que são capazes de fazer. A geografia é privilegiada porque pode estudar os problemas ambientais? Possivelmente sim. Os geógrafos são privilegiados porque podem estudar os problemas ambientais? Vamos ver! Se os estudam bem, sim; se os estudam mal, não! Portanto a questão é a formação adquirida pelo profissional e que em parte tem a ver com a tradição científica, mas que pode resultar em um bom ou em um mal especialista. Os arquitetos em sua maior parte se crêem como Le Corbusier, porém há uns que são muito bons e outra boa parte são nefastos. Lembro o que Woody

Allen disse: sou totalmente contrário a pena de morte, a não ser para arquitetos. O mesmo que existe para geógrafos, há geógrafos bons e geógrafos ruins.

**Geosul-** Mas também tem a ver com a nossa concepção do que é geografia. Se ela tem esta dupla perspectiva de estudar natureza e sociedade, que por um lado constitui a riqueza da geografia, por outro constitui uma grande dificuldade, já que tem que dar conta dos fenômenos naturais e por outro lado dar conta da sociedade.

**Prof. Capel-** Eu diria que sim. Mas se alguém não se sente capaz de fazer, é melhor que não o faça. Eu creio que os geógrafos e, em particular, os geógrafos brasileiros, não teriam que discutir tanto se isto é ou não geografia, mas enfrentar-se com os problemas reais que existem e estudá-los da melhor maneira possível, utilizando tudo aquilo que tem a ver com a tradição geográfica que é muito rica. E outra coisa, a geografia serve enquanto serve, há muitos problemas para o qual a geografia não disse nada relevante.

Uma pessoa deve saber qual é o problema profissional e intelectual que ela tem, e então, aproveitar-se da tradição geográfica, se é que os geógrafos disseram algo relevante e pertinente a respeito disso. Se não disseram, primeiro tem que saber o que os geógrafos disseram sobre uma série de questões, e tem dito coisas muito relevantes, mas sobre outras, ou não disseram nada ou o que disseram ou não se sustenta ou não é relevante. Então o que os geógrafos devem ver é o que de mais próximo tem na tradição geográfica, se serve, tudo bem. Se não, tem que socorrer-se em outro lugar, mas tem que partir do sentido do problema e tentar resolvê-lo com os meios que tem a sua disposição. Eu creio que a atitude dos geógrafos, muitas vezes, é de ser a de quem chegou à geografia por pura casualidade. E se alguém não tiver condições de fazer alguma coisa, o melhor é que não o faça.

**Geosul-** Na sua obra *Filosofia e ciência na Geografia contemporânea. Uma introdução a Geografia* o senhor trata o nascimento da geografia moderna, na Alemanha, através de

Humboldt e Ritter que seriam chamados os pais da geografia moderna.

**Prof. Capel-** Eu não os chamo pais, mas sim como os "pais putativos", os supostos pais da geografia contemporânea. São tão pais quanto São José, o pai de Jesus. E em colocá-los assim, como muita gente disse que são os pais da geografia, eu mostro que tenho as minhas dúvidas, que tem a ver especialmente com os aspectos da obra de Humboldt.

**Geosul-** E, na sua interpretação, este rótulo poderia caber a outros, também?

**Prof. Capel-** Claro.

**Geosul-** Haveria então no surgimento de todas estas ciências, como por exemplo com Maquiavel na Itália com a ciência política, assim como o surgimento da filosofia, economia, antropologia, haveria condições concretas que forçaram o desenvolvimento destas ciências que depois se tornam ciências independentes? Neste sentido a geografia brasileira e especialmente a figura do professor Milton Santos desponta exatamente por ter o Brasil as características de dimensão continental, com esta base natural e com uma plêiade de grandes problemas sociais. Tudo isto representaria um solo fértil para o desenvolvimento de pensadores do nível do professor Milton Santos? O senhor vê alguma relação?

**Prof. Capel-** Eu creio que a história das disciplinas científicas se podem explicar de muitas maneiras de acordo com os objetivos que se tem. Uma coisa são as disciplinas científicas quando se constituem de maneira institucionalizada; outra coisa é como estas disciplinas explicam a história e isto muitas vezes se faz em função do processo de socialização dos catecúmenos que vão entrar na disciplina. Parte da história das ciências é falsa e tem a ver com a função de legitimização. Por exemplo a história da psicologia se pode explicar de duas maneiras: uma é que a psicologia começa com os tratados *De anima* de Aristóteles e todas as reflexões dos teólogos e dos filósofos a respeito do alma; a outra diz que a

psicologia começa em 1874 quando se cria o laboratório de Leipzig para o estudo da psicologia experimental. Então os psicólogos de diferentes tendências filosóficas vão explicar a psicologia de modo distinto. Portanto, como o estudo da disciplina se faz em relação aos processos de justificação das disciplinas, há muitas teorias distintas. Por exemplo, eu não estou seguro que seja Maquiavel o fundador da ciência política. Seria então um suposto pai, que se pode descartar conforme o interesse.

Por outro lado, com respeito ao professor Milton Santos, eu o aprecio bastante, e parece-me muito justificado todas estas homenagens que estão sendo feitas aqui. Por isto, não se pode esquecer as coisas que disse, é uma grande figura em uma escola de geografia como a brasileira, que tem uma grande história. A figura do professor Milton Santos, que é rica, em parte devido a história do Brasil recente, e pela sua própria história pessoal e de caráter. Geógrafos que tiveram evolução semelhante, mas sem um sentido de compromisso social tão forte como tinha Milton Santos, podem ter desenvolvido outro tipo de geografia. Na obra do Professor Milton Santos estão suas origens - a sua fase inicial como jurista e geógrafo, a situação política do país ou a ditadura e a possibilidade de estudar no estrangeiro e de voltar com a mudança da situação política -, os temas que ia descobrindo com os lugares que chegava, o contato com pessoas dos Estados Unidos e da África, seu compromisso com o Brasil, tudo isso associado à sua forte personalidade, e sua cultura, dão como resultado uma obra de grande força.

**Geosul-** Além do professor Milton Santos, gostaríamos de saber como o senhor vê a geografia brasileira no contexto mundial?

**Prof. Capel-** Eu creio que o Brasil tem uma das escolas de geografias mais dinâmicas do mundo, sem dúvidas nenhuma. Por muitas razões: porque tem uma grande tradição, que se pode remontar à época da Colônia, onde podíamos encontrar engenheiros militares e naturalistas, viajantes, e cientistas no século XIX; a história mais recente que tem a ver com a formação

dos professores e com a chegada aqui de pessoas que puderam ensinar geografia na universidade, como o professor Pierre Mombeig e Pierre Deffontaines, e por outro lado, a relação de tudo isto com o IBGE e o processo de construção do estado nacional. Por tudo isto a história da geografia brasileira é muito rica e diversa. Neste congresso há muitas apresentações com temas dos viajantes e naturalistas estrangeiros que aqui chegaram no século XIX, e com a evolução do pensamento geográfico brasileiro. A geografia brasileira é o resultado desta história, e sobretudo da evolução da geografia universitária bastante forte depois dos anos 30, bem como o fato de que os professores universitários brasileiros devem ser muito bons, como mostra a grande quantidade de estudantes presentes neste congresso, muitos com um compromisso político e um desejo de mudança como mostra o lema deste congresso: "por uma geografia nova na construção do Brasil", e também o fato de que o Brasil é um país jovem.

**Geosul-** O Senhor diria que na Espanha há alguma coisa semelhante? Há também este desejo de transformação entre os geógrafos espanhóis hoje, ou é uma ciência muito mais estabelecida?

**Prof. Capel-** O problema é que a Espanha é um país mais envelhecido e isto se reflete nas estruturas científicas, o número de estudantes é menor e o entusiasmo dos estudantes também é menor.

**Geosul-** Mas esta afirmação de que a Espanha é um país envelhecido em um momento com esta imigração tão forte, não seria de certa forma contraditória? Esta imigração para a Europa e a discussão tão forte sobre a imigração, será que não trazem questões novas?

**Prof. Capel-** Sem dúvida. Estão acontecendo problemas novos que os geógrafos estão se dedicando e há muitos trabalhos sobre isto. Porém os filhos dos imigrantes ainda não chegaram à universidade.

**Geosul-** E os seu trabalho atual em relação a esta temática, como poderia ser definido, ou que linhas de pesquisa o senhor hoje estaria privilegiando e com que enfoques?

**Prof. Capel-** Alguns dos temas tem a ver com o meu passado, outros com o presente e com o futuro, ou seja, tem temas que vem se desenvolvendo desde um certo tempo, como a geografia urbana e o espaço interno das cidades, que me interessam desde os anos 60; o tema da migração também me interessou nos anos 60 e agora volta a me interessar sobre a perspectiva dos problemas novos que acontecem com a imigração. Outro tema que continua me interessando são as disciplinas científicas, as comunidades científicas, as corporações profissionais, onde temos desenvolvido uma série de investigações sobre os fatores sociais e desenvolvimento das pessoas, como as demandas sociais afetam o desenvolvimento do pensamento científico; há nesta linha uma série de trabalhos de doutorado como o desenvolvimento da edafologia, da engenharia agrônômica, sobre os engenheiros militares, como se formaram os técnicos que no século XVIII fizeram o essencial das obras públicas e da ordenação do território na Espanha e na América, que é uma questão que continua me interessando também.

Mas apareceram temas novos como a inovação técnica e a gênese das inovações e como se difundem no espaço e nas sociedades, estamos estudando as redes de gás, de energia elétrica, telegráfica, telefônica. O tema da reforma social e o higienismo também é outra questão que me interessa. E de alguma maneira o tema dos colóquios de geocrítica tem a ver com questões que nos preocupam. Por exemplo, o primeiro foi Ibero-américa no início do século XXI, o segundo colóquio foi inovação técnica, desenvolvimento econômico e meio local; o terceiro, que foi no ano passado, foi sobre migração e mudança social. O deste ano foi sobre o trabalho em suas diversas dimensões. O do ano que vem será sobre as habitações urbanas e o espaço social, a que todos estão convidados. E do ano seguinte será o impacto da internet e novas tecnologias de comunicação e o ciber-espaço. Isto dá uma

idéia das questões que preocupam a mim e a outros que estão em Barcelona.

**Geosul-** O estudo das questões relacionadas à migração conduz atualmente a uma reinterpretação das relações centro-periferia? Como o senhor percebe esta questão frente a economia globalizada e, em particularmente na América Latina?

**Prof. Capel-** Bom, a globalização tem aspectos perversos e conseqüências positivas. Eu não sou contrário à globalização. Ao contrário do que aqui acontece, e também em outros países ibero-americanos, onde há sempre a tendência de botar a responsabilidade nos outros. Há poucos intelectuais dispostos a fazer uma crítica interna e de assumir a própria responsabilidade diante das situações do seu país. Muitos dos brasileiros falam do imperialismo ianque, de que os problemas estão na globalização: sempre a responsabilidade é exterior. Não faria mal pensar que a responsabilidade dos problemas atuais não é só do governo brasileiro, mas também do comportamento do próprio povo brasileiro, como sempre ocorre em todos os países. Eu creio que há muitos clichês habitualmente aceitos que teriam que mudar. No começo havia uma desqualificação quase completa da globalização; agora já se fala de uma outra globalização e eu creio que isto significa que se reconhece aspectos positivos. Não estou seguro que o conceito centro-periferia tenha ainda validade, teria que pensar melhor. Assim como o de subdesenvolvimento que foi tão útil, como o de terceiro mundo. Estas reflexões levariam bastante tempo. Eu penso que com muita freqüência, nós os cientistas sociais, somos incapazes de pôr em dúvida os marcos conceituais que recebemos e os utilizamos durante mais tempo que o devido. Certos conceitos como de centro-periferia podem ser muito estimulantes no começo, mas seguir utilizando-os quando se vê que são insuficientes pode paralisar o pensamento. Sob a crítica da globalização estão se criticando muitas outras coisas, como o sistema financeiro, o funcionamento imperialista de certos países, o que é correto, mais deveria matizar-se. Me surpreende muito a

crítica do imperialismo ianque por parte do Brasil, que é também um país imperialista, já que teve uma atitude de expansão sobre outros povos. Como isto se poderia falar sobre muitas outras coisas. Penso que faz falta por em discussão conceitos mais bem aceitos e que não foram elaborados aqui e que tem conseqüências nefastas; o de centro-periferia aceitando que o Brasil é a periferia, me parece muito negativo, pois a mim me parece evidente que o Brasil não é periferia; e se for aceito que é periferia é sem dúvida que há outras periferias muito mais periféricas. Então é evidente que este conceito não serve para nada. O de norte-sul, pelo fato de incluir a Austrália no norte mas que está no sul, é evidente que não tem nem pé nem cabeça. Muitas vezes as reflexões que ouço e que vejo de intelectuais brasileiros e de países íbero-americanos, creio que são um pouco demagógicas, tendenciosas a enviar as responsabilidades para outras instâncias, e incapazes de fazer uma crítica construtiva sobre a situação do próprio país. E espero que se entendam estas palavras como observações de um amigo que ama muito o Brasil. A visão negativa e miserável que os brasileiros tem do seu próprio país é não somente inadequada mas as vezes também uma autêntico exagero, político e intelectual; e que tem explicações éticas que tem a ver com o compromisso político e com a vontade moral de que as coisas melhorem; sem dúvida nessa visão nem tudo é negativo, e talvez seja devido a esta tendência dos professores a querer simplificar. Não é ruim quando se apresenta uma crítica global, mas sempre aceitando que as coisas não são nem brancas nem pretas, porém cinzas. O que encontro muitas vezes aqui no Brasil é que se simplificam as coisas em uma "lenda rosa" (por parte da oligarquia) e uma "lenda negra" (por parte da esquerda). E as reflexões são incapazes de ver que as coisas são muito mais complexas, que a solução dos problemas políticos requer capacidade de negociação e que requer um tom muito mais mitigador do que eu encontro aqui nos intelectuais brasileiros. Creio que a esquerda, que praticamente domina todo este congresso, deveria fazer também uma autocrítica, começando pelos próprios conceitos elaborados em outros lugares e usados

aqui de maneira acrítica. Creio que necessitamos no ambiente universitário sobretudo, uma crítica respeitosa com as posições de um e de outro, para tratar de entender o que está acontecendo, que são situações muito complexas e que não podem ser simplificadas.

**Geosul-** Queríamos agradecer a sua disposição em conceder esta entrevista realizada em João Pessoa durante a realização do XIII ENG. e que contou com a participação dos professores Maria Dolores Buss, Luís Fernando Scheibe, Sandra M. A. Furtado e Raquel F. A. Pereira.